



A contribuição do cristianismo na construção de um pensamento socioambiental

The contribution of Christianity in constructing a socio-environmental thinking

Por Edilson da Costa

Graduado em Filosofia (UFPR)

Mestre em Tecnologia (UTFPR)

Doutor em Meio Ambiente (UFPR)

Aluno de Teologia (Faculdade Claretiana de Teologia)

ecofil@uol.com.br

Márcio Luiz Fernandes

Mestre em Psicologia (USP)

Doutor em Psicologia (USP)

Mestre em Teologia (PU Lateranense de Roma)

Professor de Teologia (Faculdade Claretiana de Teologia)

marciovisconde@yahoo.com.br

Resumo:

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar no pensamento cristão um instrumento que faça chegar à população a necessidade de cuidado para com a natureza, decorrente da visão desta como *oikos* (casa). O problema gerador da pesquisa é: qual a importância do pensamento cristão, que vai além das bases racionais propostas pela Modernidade na busca pela sacralização da natureza? Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica, escolhida a fim de fundamentar teoricamente a questão proposta, fazendo com que a pesquisa desenvolva-se em torno de alguns assuntos-chave: conceito e causa da crise ambiental, a crise ecológica e o paradigma da dominação, relação entre pecado humano e crise ecológica, a concepção de natureza presente no Novo Testamento, na História da Igreja e, de modo especial, na Teologia da América Latina.

Palavras-chave:

Ambiente. Cristianismo. Natureza.

Abstract:

This research aims to identify in Christian thinking an instrument that promotes in people the need to take care of nature which is understood as *oikos* (home). The generator problem of this research is: what is the importance of Christian thinking, which goes beyond of the rational bases proposed by the Modernity in the quest of the sacralization of nature? As methodology the bibliographic research was used, chosen in order to substantiate the proposed question theoretically, bringing a few key issues to the research development: concept and cause of the environmental crisis, the ecological crisis and the paradigm of domination, relationship between human sin and ecological crisis, the design of this nature in the New Testament, in the history of the Church and, in particular, in the Theology of Latin America.

Keywords:

Environment. Christianity. Nature.

Introdução

As preocupações ambientais têm início a partir de uma “ecologização da sociedade”. Isso acontece quando as questões ambientais deixam de ser assunto exclusivo dos amantes da natureza, tornando-se assunto de interesse de toda a sociedade civil. Esse processo teve início em julho

de 1945, quando, no deserto de Los Alamos, Novo México (EUA), a equipe científica liderada pelo físico Oppenheimer explode a primeira bomba H. e dois meses depois bombas atômicas eram jogadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. O *Homo sapiens* mostra assim ter conquistado o poder de destruição total das espécies sobre a Terra.

Após o dia 6 de agosto de 1945, o mundo não seria mais o mesmo e, a partir da bomba, nascem as primeiras sementes do ambientalismo contemporâneo. E a partir da década de 1970 com a crise do petróleo, vários países procuram na energia nuclear resolver seus problemas energéticos, e assim começa a tomar forma o movimento ecológico. Em 1972, acontece em Estocolmo a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente; em 1983 é criada em assembleia da ONU a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e, em 1989 é publicado o Relatório Brundtland, ou “Nosso futuro comum”. Nesse relatório, são cunhados dois conceitos importantes: “desenvolvimento sustentado” e “nova ordem mundial”. O relatório preparou o terreno para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentado – a Eco 92, em julho de 1992, no Rio de Janeiro.

Atualmente, a opinião pública a cada dia é informada sobre problemas ambientais: relação entre a baixa qualidade de vida de populações pobres e a degradação socioambiental; a devastação de florestas; a autoconsciência da possibilidade de uma catástrofe global iminente – todos esses fatores vêm contribuir para alertar e aproximar as questões ambientais de grandes parcelas da população.

Como a degradação ambiental tem alcançado níveis jamais vistos, essa crise ambiental obriga-nos, de certa forma, a repensar os ideais da modernidade: a separação entre o sujeito que domina e o objeto dominado. Nesse contexto, surge a necessidade de uma nova forma de pensar, na qual o sujeito (indivíduo) venha a dialogar com o objeto (natureza), em uma atitude comunicativa.

Faz-se necessária, portanto, uma reorientação da atuação humana em sua relação com o ambiente, levando-se em conta que todo paradigma traz consigo um arcabouço de valores, preceitos – de uma ética, enfim. E, dentro desse paradigma o cristianismo, acusado de pregar o antropocentrismo que levou o ser humano a degradar a natureza a níveis jamais vistos, tem um papel importante.

A teologia cristã e o meio ambiente

O pensamento atual de que a paz mundial está ameaçada, além dos problemas armamentistas, conflitos e injustiças existentes nas nações, existe também pela falta de respeito para com a natureza e pela deterioração da qualidade de vida. Diante desse cenário está se formando uma consciência ecológica “que não deve ser reprimida, mas antes favorecida”.¹ Isso porque os valores éticos, importantes ao desenvolvimento da sociedade, relacionam-se com as questões ambientais.

A partir da Bíblia, especificamente no Livro do Gênesis, depois de criar o céu, o mar, a terra e tudo o que nela existe, o homem e a mulher foram criados, e a eles foi confiada toda a criação. Essa tarefa dada ao ser humano demonstra duas verdades importantes: atribuição da capacidade que o distingue do restante da criação e ao mesmo tempo se estabelece uma relação ordenada entre ser humano e natureza. Essa harmonia é destruída pelo pecado do ser humano, uma vez que ele se coloca contra a vontade do Criador, alienando-se a si mesmo, e levando toda a criação à caducidade, ficando portanto também ela à espera da redenção.

Com a morte e ressurreição de Cristo, o Pai reconcilia consigo “todas as coisas, na terra, no céu” (Cl 1.19-20). Assim, a criação é renovada (Ap 21.5), e todas as coisas são reunidas sob o governo de Cristo (Ef 1.9-10). Dessa forma, percebe-se através da Bíblia essa relação entre a ação humana e a integridade da criação: quando o homem se afasta do Criador, provocará males que irão afetar todo o universo (Os 4.3).

A fim de se buscar remédio a essa situação, não se pode apenas pensar em uma gestão mais adequada dos recursos do planeta. Essa atitude é importante, mas deve-se também levar em conta a crise moral que acompanha a degradação ambiental. Dessa forma, podemos dizer que a crise ecológica representa um problema moral.

A aplicação dos progressos científicos e tecnológicos na indústria e na agricultura certamente produzirão, mesmo que a longo prazo,

¹ JOÃO PAULO II. A questão ecológica: uma responsabilidade para todos. *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz*, 1º jan. 1990.

efeitos danosos, pondo em risco as futuras gerações. A destruição da camada de ozônio, resíduos industriais, herbicidas, tudo isso degrada o ambiente, levando a problemas de saúde e ainda causando, pelo aquecimento global, o derretimento das calotas polares, que pode levar à submersão de grandes extensões de terra nas partes baixas do planeta.

Além de todos esses problemas, fica evidente aqui a falta de respeito pela vida, seja dos seres humanos, seja dos seres não humanos e das plantas, fruto de interesses econômicos que desprezam o ser humano. Mesmo quando realizados em nome do progresso, essas alterações não representam vantagem para a humanidade.

Finalmente, a manipulação genética representa grave risco ao desenvolver novas plantas e novas formas de vida animal, chegando até mesmo a intervir nas origens da vida humana, em um atentado à norma fundamental, que é o respeito pela vida. Então, conclui-se que o respeito à vida vincula-se à integridade de toda a criação.

A Teologia concebe o universo como algo harmonioso, o “cosmos” criado por Deus; cabe ao homem explorar esse cosmos mantendo sua beleza e integridade. Essa forma de pensar choca-se com a realidade em que alguns acumulam bens supérfluos enquanto multidões vivem sem ao menos ter o mínimo necessário para sobreviver. Afirma João Paulo II que “vem agora a própria dimensão dramática do desajuste ecológico ensinar-nos quanto a cobiça e o egoísmo, individuais ou coletivos, são contrários à ordem do universo, no qual está inscrita também a interdependência recíproca”.²

Em termos de gestão, é preciso que esta se dê em nível internacional, em uma ação global dirigida para o mesmo fim, com iniciativas a serem implementadas a longo prazo. Isso não diminui a responsabilidade local na busca de um ambiente seguro. Essa nova solidariedade representa uma necessidade moral, promovendo a integração entre países industrializados e os que ainda estão em via de desenvolvimento: não se deve cobrar desses últimos cortes drásticos em suas indústrias, sem

que isso seja aplicado primeiramente nos países altamente industrializados, assim como os países em fase de desenvolvimento não devem repetir os erros dos outros no passado. Essa nova solidariedade é espaço em que podem ser consolidadas as relações pacíficas entre os povos.

Não se deve culpar os pobres pela degradação da terra em que vivem, causando desmatamento e empobrecimento nos terrenos, mas cabe aos mais ricos ajudar os pobres a superarem sua pobreza.

A guerra, hoje, com o auxílio da ciência, faz com que progridam pesquisas com intuito bélico, e que continuam a ser desenvolvidos apesar dos acordos contrários à guerra química, bacteriológica e biológica, o que poderia alterar os equilíbrios naturais, causando danos ecológicos imensos.

Sem um comprometimento com a mudança do estilo de vida, não há solução à vista para os problemas ecológicos. Ao espírito de consumismo e hedonismo deve-se contrapor a austeridade, temperança, disciplina e espírito de sacrifício.

A educação para a responsabilidade ecológica deve ser proposta como necessidade urgente; não de forma ideológica, mas como espaço de conversão do modo de pensar e de agir. Ainda deve ser levado em conta o aspecto estético da natureza: esta deve estar em harmonia com o ambiente urbano, levando a um ambiente sadio no todo.

O Papa chama a atenção, então, para a ordem que existe no universo e que precisa ser respeitada: “a crise ecológica – uma vez mais o repito – é um problema moral”, e o ser humano tem responsabilidade na preservação desse cosmos que está em crise.

Esta crise existe porque o ser humano esqueceu a missão que o Criador lhe confiou neste mundo. Ao contrário: distorceu essa missão em favor de propósitos imediatistas. Distintos do restante da criação, homem e mulher são dotados de habilidades para, com sabedoria e amor, exercer o domínio sobre a Terra, sobre os peixes do mar, as aves do céu e sobre todas as coisas vivas que se movem (Gn 1.28), sem esquecer que esse domínio não se trata de soberania absoluta, mas de um ministério.

² JOÃO PAULO II, 1990.

A partir do primeiro pecado, o egoísmo dominou o homem de tal forma que ele esqueceu seu ministério de guardião da criação, transformando-se em um déspota cruel. Conforme diz o profeta Oséias, “por isso a terra se lamentará, desfalecerão todos os seus habitantes e desaparecerão os animais dos campos, as aves dos céus e até os peixes do mar” (Os 4.3).

No Novo Testamento, Jesus, em seus ensinamentos, utilizava elementos da natureza como as aves do céu, os lírios do campo, o trigo, a videira e as ovelhas. Nas representações natalinas, sempre se colocam animais junto à manjedoura mostrando através dessa imagem que toda a criação está interligada. No momento do nascimento de Jesus, temos o homem e a mulher (José e Maria), Deus (Jesus) e os anjos dos céus juntamente com as criaturas da Terra unidos em harmonia. O consumismo do mundo atual quebra essa harmonia. Por isso, a sociedade moderna não chegará a uma solução ao problema ecológico se não mudar seu estilo de vida.

Na Idade Média, a atitude radical de Francisco de Assis que despe suas roupas e as devolve ao pai biológico mostra que ele é uma criatura de Deus, e tudo o que ele tem é dádiva do criador. Essa atitude de humildade chama as pessoas a compreender que há uma interligação em toda a criação, e que esta é boa. Várias passagens da Bíblia mostram a bondade de Deus manifesta na beleza da criação. Alguns exemplos do Antigo Testamento: Gn 1.4; Sl 8; Sb 13.3-5; Eclo 39.16. Também São Paulo fala acerca da beleza das coisas criadas em Rm 1.20. A partir de Francisco de Assis, constata-se o valor da criação e pode-se enxergar o cosmo como algo dotado de equilíbrio e ordem interna, fazendo com que a criatura humana possa entregar-se a uma atitude de respeito e de gratidão.

Buscando encontrar no Cristianismo uma ética de responsabilidade futura, o Catecismo da Igreja Católica mostra que o domínio assegurado pelo Criador sobre os recursos minerais, vegetais e animais do universo não pode ser separado do respeito pelas obrigações morais, incluindo aquelas referentes às futuras gerações ainda por vir. Percebe-se aqui um princípio de responsabilidade. Isso fica evidente quando se constata que entre

todas as facetas da criação existe um intrincado e delicado elo de ligação. Por isso, na “Questão ecológica” o papa João Paulo II chama a atenção para os interesses industriais que causam dano ambiental, o que desrespeita a integridade do ser humano, em um verdadeiro menosprezo pelo próximo. Assim, constata-se que a ecologia está intimamente ligada a um princípio de justiça e ao respeito pela vida humana. Dessa forma, equivocase quem afirma que a Igreja somente leva em conta o ser humano (antropocentrismo) mas mostra que a promoção da dignidade humana está ligada à proteção e ao cuidado de toda a criação de Deus.

Muitas vezes, as pessoas pobres são acusadas de destruir o ambiente, derrubando árvores, poluindo águas, degradando o solo. Essas atitudes representam séria ameaça à vida humana e não se deve dar respostas simples a esse problema, como dizer que essas pessoas deveriam parar com essas práticas. Para quem vive em países ricos, é fácil acusar, mas não se pode esquecer que as populações pobres em geral vivem em áreas ecologicamente frágeis do planeta, devendo, portanto, lutar incessantemente para sobreviver, restando pouco tempo ou recurso para se ocupar das questões ambientais. Assim, percebe-se que o mundo se tornou um lugar de grande contraste em que os 20% mais ricos consomem 86% dos recursos mundiais sendo que os Estados Unidos, que possuem 4% da população do planeta, produzem 23% das emissões de monóxido de carbono.

Propostas do Cristianismo para um mundo em harmonia

As cifras acima representam o oposto do que ensina a Igreja: Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para o uso de todos os homens e povos, de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a justiça, intermediada pelo amor.³ Pertence a todos as coisas criadas, e não a uns poucos; assim, a cobiça e o egoísmo leva ao esgotamento do planeta, com os restos sendo disputados por milhões de seres humanos pobres por todo o planeta,

³ PAULO VI. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulinas, 1998.

contrariando o mandado de Deus na criação. Diante desse quadro, algumas propostas podem ser feitas:

- a) **Solidariedade entre as nações:** é injusto que nações desenvolvidas imponham padrões restritivos às mais pobres. Deve-se inventivar um sentimento moral de justiça e solidariedade, visando a um ambiente natural e social pacífico;
- b) **Opção pelos pobres:** são eles que mais sofrem com os desastres e empobrecimento ambiental. Distribuição injusta da terra e dívidas internacionais levam danos ambientais irreparáveis;
- c) **Desenvolvimento sustentável:** este desenvolvimento representa uma responsabilidade para com o futuro, mas para que aconteça deverá contar com o apoio das nações ricas, que são influentes em nível mundial: todas as nações devem trabalhar juntas visando o desenvolvimento sustentável;
- d) **Mudança de atitude e estilo de vida:** pensar sobre as questões ecológicas não cabe apenas aos ambientalistas, mas todos devem ser convocados, como quer a Igreja, a uma conversão verdadeira em direção a um senso de moderação e simplicidade, abandonando o consumismo e a indiferença pelos danos ambientais. Esse deve ser o novo ascetismo cristão;
- e) **Educação:** os professores são chamados a educar e promover ações ecológicas, que venham a fazer parte permanentemente da vida dos alunos. Essa campanha educacional deve ser lançada pelos párocos, a fim de que todos venham a desenvolver essa forma de pensamento socioambiental, já que a família é a primeira a educar;

- f) **Novas políticas:** além das necessárias pequenas ações (reciclagem, preferência por produtos biodegradáveis e não tóxicos) é preciso também que as políticas nacionais sejam engajadas nessa preocupação ambiental. Deve-se ficar alerta em relação ao compromisso de cada país para com as verbas de pesquisa, nível de participação dos governantes diante dos protocolos internacionais destinados a proteger o planeta, criação de políticas ecologicamente equilibradas.

Considerações finais

A virtude da esperança é própria dos cristãos, e basta ver hoje em dia quantas publicações, quantos trabalhos são feitos sobre o cuidado que devemos ter para com a Criação de Deus. Em meio a tantos problemas, vozes proféticas se erguem em defesa do ambiente. Devem os cristãos, também, demonstrar compromisso para com um ambiente saudável, a fim de que a Criação inteira louve ao Senhor.

[Recebido em: dezembro 2010 e
aceito em: agosto 2011]